EPISODIO

DA

ILHA DE VENUS

EXTRAHIDO

DOS

LUSIADAS DE CAMÕES

COM A

Versão Franceza

DE

COURNAND:

E COM UM

PREAMBULO

DO

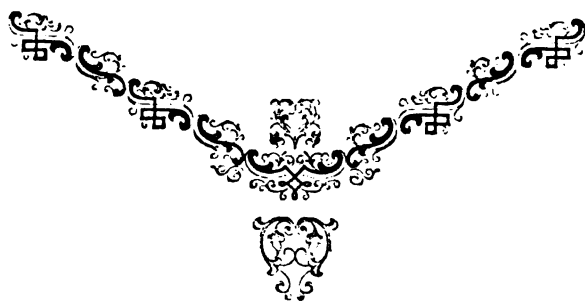
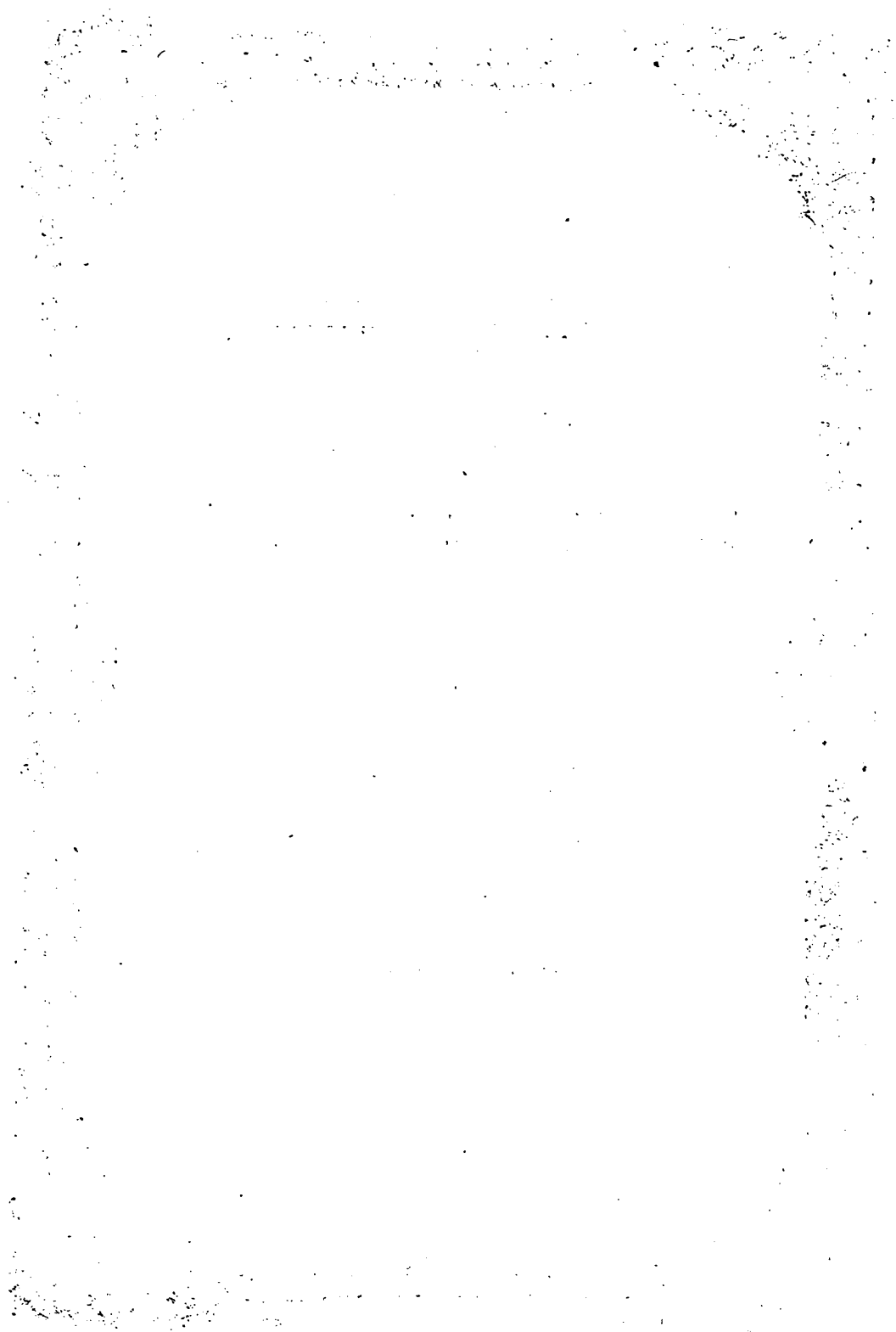
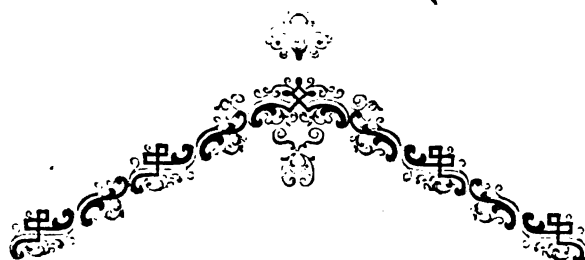
Professor Pereira Caldas

DO

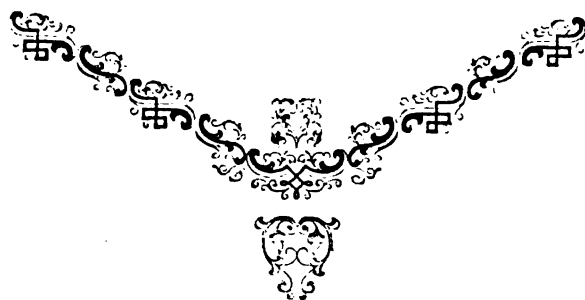
LYCEU DE BRAGA

EPISODIO

DA

ILHA DE VENUS

EPISODIO

DA

ILHA DE VENUS

PUBLICAÇÃO

DA

SOCIEDADE DEMOCRATICA RECREATIVA

DE

BRAGA:

SENDO

Presidente: *João Marques da Silva.*

Vice-Presidente: *Manuel Ignacio d'Oliveira Braga.*

1.º Secretario: *Manuel José da Conceição Rocha.*

2.º Secretario: *Francisco Jorge d'Oliveira.*

Thesoureiro: *João Lopes de Sequeira.*

Directores: *Francisco José d'Araujo. — José Maria Gomes Bello.— Manuel José Lopes.—Manuel José da Silva Mello.—Pedro José Pereira.—José Fernandes Granja. — Manuel Alves dos Sanctos.— Vicente Gonçalves.— Joaquim Loureiro.— João Rebello da Silva Braga.— José Joaquim da Silva Reis. — João Antonio Gomes Pereira.*

EPISODIO
DA
ILHA DE VENUS
EXTRAHIDO
DOS
LUSIADAS DE CAMÕES
COM A
VERSÃO FRANCEZA
DE
COURNAND:
E COM UM
PREAMBULO
DO
Professor Pereira Caldas
DO
LYCEU DE BRAGA

BRAGA
Typographia Lealdade
1 — Rua de Jano — 1

1880

«Curve-se a terra ante o esplendor do genio

. . . .

. . . .

«Respeito — adoração — triumpho — e gloria

. . . .

Candido de Figueiredo = POEMA TASSO

Á

MEMORIA AUGUSTA

DE

LUIZ DE CAMÕES

NO SEU

TRICENTENARIO SOLEMNE

EM

10 DE JUNHO DE 1880

«Camões! — grande Camões! — genio profundo!
«Nobre cantor do Gama sublimado,
«És de Lysia o brasão, pasmo do mundo!

Dr. Castro Freire=RECREAÇÕES POETICAS

«De palavras communs phrases ligeiras»

Augusto Luso = IMPRESSÕES DA NATUREZA

I.—Em 1817, deu-se á luz em Lisboa na impressão regia, no Jornal de Bellas Artes ou Mnemosine Lusitana, o Episodio da Ilha de Venus dos Lusiadas de Camões, vertido «com primor» na *lingua franceza.*

Acha-se no Tom. II. Num. XIII—pag. 202 a pag. 205—n'esta publicação de *Pedro Alexandre Cavroé*:—obra repleta de noticias prestimosas, e de que «poucas vezes» se encontram exemplares *á venda* nas lojas dos livreiros.

II.—No fim da inserção d'este Episodio, dá-nos o illustrado coordenador da Mnemosine—cultor fervoroso das artes-mechanicas, e exalçador enthusiasta das bellas-artes—estas palavras que transcrevemos aqui:

«Julgando ser agradavel aos litteratos, que têem conhecimento da *lingua franceza,* «vêrem a *traducção*—mais fiel e poetica—que se tem feito d'este Episodio «do poema epico do nosso immortal Camões n'aquella *lingua,* a inseri n'este «jornal.

«Quem sabe a grande differença, que intervem entre os genios das *duas linguas,* é «que está ao alcance de conhecer o merecimento d'esta *versão.*

«Não puz ao lado o *texto portuguez,* por andar nas mãos de todos este *poema;* e por «não occupar mais paginas d'este numero, com o que de quasi todos é sabido.

III.—Não concordando nós—em relação á suppressão do *texto*—com as escusas do *Cavroé,* aqui o transcrevemos em frente da *versão,* prestando assim ás *lettras* uma dupla homenagem litteraria:—ao *auctor,* porque nos immortalisa; e ao *traductor,* porque o immortalisa a elle.

Foi *Cournand*—«professor de litteratura franceza no collegio de França»—este *traductor* primoroso, esmerado cultor das nossas lettras.

IV.—No Diccionario Bibliographico do nosso *Innocencio Francisco da Silva,* e no Manual Bibliographico do nosso *Ricardo Pinto de Mattos,* acha-se mudado em *Cournaud* o nome de *Cournand*—escripto assim «claramente» na Mnemosine Lusitana.

No ex.mo *visconde de Juromenha* — Obras de Camões, Tom. I, *Traducções*, pag. 241 — acha-se tambem egual mudança de nome.

Suppomol-as no entanto « lapsos de cópia »; visto dever *Carroé* saber ao certo a orthographia do mesmo nome, como filho de pae francez, e conhecedor da lingua de seu pae; além de relações pessoaes — directas ou indirectas — que plausivelmente deixa suspeitar com o mesmo *traductor*.

V.—Na «descripção poetica» da Ilha de Venus — decantada nos Lusiadas no *Cant. IX*, desde a estrophe LIV até a estrophe LXIII — não tem rival o Camões, nem entre os *poetas antigos*, nem entre os *poetas modernos*.

Com a « bella descripção » que nos fez, conseguiu para logo — *á mansão descripta* — dois nomes dulcissimos a não mais :—Ilha dos Amores e Ilha dos Namorados.

VI.—Não póde comparar-se com o Camões, nem a descripção do *bosque delicioso* de *Lanca*, cidade de *Ravana*, decantado no Ramayana, no Livr. IV:—nem a descripção do *vergel aprasivel* de *Alcinoo*, decantado na Odyssea, no Livr. VII :— nem a descripção do *Jardim mimoso* de *Alcina*, decantada no Orlando Furioso, no Cant. VII.

Avultam em *Vâlmîki*, em *Homero*, e em *Ariosto* — em quadros primorosos — os «desenhos magistraes» d'um *Caracci*.— Ninguem o contesta.— Mas no Camões, em painel assombroso, fulgoream os coloridos arrebatadores d'um *Ticiano*.—Confessa-o a verdade, em homenagem ao genio de Camões.

VII.—Na «descripção poetica» dos *campos elysios* na Eneida—no Livro VI—avultam esplendentes bellezas preciosas, immortalisadoras do nome de *Vergilio* : — vate d'estro dulcissimo, de que um abuso orthographico — *a despeito de testimunhos inconcussos* — tem mudado o nome em *Virgilio*, como comprova o nosso *Leonel da Costa*, na versão das Eclogas e Georgicas do mesmo vate.

Não lhe é no entanto inferior o Camões; como inferior não é tampouco a *Fenelon* — imitador esmerado da Eneida no Telemaco — no Livro VIII — e com superioridade indiscutivel.

VIII.—Não offusca tambem a Camões o cantor excelso do Paraiso Perdido, na «descripção poetica» do *Éden* — no Cant. IV— apesar de ser peregrina e magnificente, entre as pinturas monumentaes da especie.

Mostra-se n'ella *Milton* um assombro; mas não deslumbram os seus brilhos o colorido celeste do Camões.—São riquissimos os lavores do poeta inglez : mas são impagaveis os esmaltes do poeta portuguez.

IX.— N'outras «descripções correlativas»— *estimadas embora com sobrado jús*—como em *Voltaire* na Henriada, no Cant. IX :— em *Angelo Poliziano* nas Estancias, no Livr. I:— e em *Pedro Bagnoli* no Cadmo, nos Cant. IV, VII, e IX :— não ha tambem para que mover a Camões, no elevado pedestal do seu fastigio poetico.

Dá-se o mesmo com os *jardins fascinadores* da *Volupia* no Adonis de *Marino* — nos Cant. VI e VII — embora descriptos em phrases mimosas, e pullulantes em matisadas bellezas.

Nem é mister lembrar ainda a *ilha firme*, com o *palacio encantado* de *Apolidon* e *Grimanesa*, no *Amadis* de *Gaula* do «nosso» *Vasco de Lobeira*.

X.— Na Jerusalem Libertada, aprimora-se *Tasso* na «descripção poetica» do *jardim magnificente* de *Armida*, exalçado no Cant. XVI.—Mas não é n'ella superior a Camões, *nem no desenho, nem no colorido*, o vate sublime de *Sorrento*.

Não teremos de certo — n'esta questão de gôsto — quem se não emparceire comnosco.

XI.—Amicissimo do *Tasso,* é o nosso illustrado *Conselheiro Viale*: mas ainda assim, dá-nos a este respeito uma confissão cavalheira, na sua *versão latina* do Episodio do Adamastor — o mais original do Camões. — E' esta que transcrevemos:

« Formosissima é sem duvida a descripção alludida do jardim da amante de *Rinaldo*:
« mas quem—attenta e imparcialmente—a confrontar com a *camoneana,* talvez não hesite
« em preferir-lhe a do vate portuguez, *a qual — de mais a mais — tem o mereci-*
« *mento da prioridade.*

XII.— Preeminente é o nosso *Vasco Mausinho de Quebedo e Castello-Branco*— jurisconsulto filho de *Setubal* — nos seus *jardins encantados* no Affonso Africano, rendilhados com esmêro no Cant. IX.

Preeminente é o nosso *Antonio de Sousa de Macedo* — diplomata filho do Porto — nos seus *campos e prados* das margens do *Tejo,* realçados na Ulyssipo no Cant. III.

Preeminente é sobre ambos o nosso *Gabriel Pereira de Castro* — epopaico immortalisador da sua *Braga* — na «descripção poetica» do *jardim prodigioso* de *Circe,* exornado peregrinamente na Ulyssea no Cant. I.

Mas a todos excedem os esmaltes fascinadores do Camões — «nas estrophes correlativas» — embora sem quebra dos primores de cada vate, «recheados todos d'imagens mimosas, e expressas todas em versos esmerados».

XIII.— Tem-se controvertido entre os criticos — desde a apparição dos Lusiadas em 1572 — se é *real* ou *ficticia* a Ilha de Venus em Camões.

Tem-se pleiteado por uma e outra parte, se ha n'isto uma « phantasia espontanea » do poeta, *sem allusão a ilha alguma da derrota do Gama, ao regressar de Calecut a Lisboa*; ou se o poeta divinisára acaso « indicações geographicas » — ao reverbero do genio — *suggestoras da descripção que nos maravilha.*

N'este ultimo caso, divergem ainda os criticos entre si — designando uns a ilha de *Sancta Helena;* outros, a ilha de *Anchediva;* e outros, a ilha de *Zanzibar* na costa do *Zanguebar.*

XIV.— Na Carta *ao Desembargador Thomaz Norton á cêrca da* Ilha de Venus — escripta pelo nosso finado amigo *José Gomes Monteiro* — acham-se illucidadas estas especies, com a erudição judiciosa d'este filho do *Porto* — berço illustre de cultores das lettras.

Ahi mostra e prova com as Decadas de *Couto,* como o nosso Camões — no regresso ao reino — passára em *Moçambique* o hynverno de 1567 a 1568, *continuando a escrever o seu poema n'essa costa do Zanguebar.*

Ahi mostra e prova como o nosso Camões — *roçando com um remo a segura costa da historia, e talhando com o outro o mar alto da poesia* — phantasiára as delicias da Ilha dos Amores, inebriado de perfumes occidentaes no meio dos orientaes.

Ahi mostra e prova em fim, como o nosso Camões urdira esta « ficção magestosa » da Ilha dos Namorados — baseando-a nos trabalhos dos nossos navegantes atravez do *oceano indico;* no acolhimento hospitaleiro que tiveram em *Melinde;* e na ulterior apparição matutina da ilha pictoresca de *Zanzibar* — com flora e fauna em especial, como nós na *Europa* as temos.

XV.— Nem estas especies «naturaes» escaparam a *José Agostinho de Macedo,* que no seu poema O Oriente — no Cant. VII — as decanta assim em verso harmonioso:

« Iam rompendo o mar, quando a serena
« Doce luz da manhan dourava os montes;
« Quando a aurora desmaia, e o sol acena
« Bater a redea aos fulgidos ethontes:
« Eis que um gageiro, da elevada antenna
« Lançando a vista aos claros horizontes,
« Clama que ao longe *terra levantada*
« Se lhe antolhava *de vergeis coalhada*.

« Desde que a frota o *Tejo* saudoso
« Tinha — as velas largando — abandonado,
« *Tam soberbo painel, grato e formoso,*
« *Nunca foi de seus olhos esperado :*
« Não longe do equador, *pelo arenoso*
« *Ethiopico seio*, um *rematado*
« *Quadro de Lysia vêem :* — tanta belleza
« Capricho foi da sabia natureza!

XVI.— Se não tivessem escapado « estas mesmas especies » a *Humboldt*; não teria o *sabio allemão* censurado a Camões immerecidamente — fazendo-o no Cosmos no Tom. II, com o « texto » correspondente a estas palavras:

« O Episodio da Ilha Encantada offerece na verdade *a mais graciosa das paiza-*
« *gens :* mas a sua decoração compoem-se apenas — como convem a uma Ilha de Ve-
« nus — de *myrtos, cidreiras, romanzeiras, e limoeiros odoriferos* — arbustos proprios da
« *Europa meridional* ».

XVII.— No entanto, se a Camões censura *Humboldt* n'esta parte: em todas o considera o *sabio allemão* — em accôrdo com a rasão e a justiça — como pintor maravilhoso da natureza.

No volume precioso Os Lusiadas e o Cosmos — devido á penna do ex.^mo^ *José Silvestre Ribeiro* — exemplifica-o em sobra este filho da *Idanha-a-Nova*, « cultor indefesso das lettras ».

XVIII.— Quem censura a Camões vergonhosamente — em relação á Ilha dos Amores — é o alludido *José Agostinho de Macedo*, na sua Censura dos Lusiadas no Tom. II.

No alto da pag. 209, começa por dizer-nos o *critico viperino*, que = «*o Canto IX é o apuro da indecencia*» :— e quasi no fim da pag. 213, diz-nos que os desenhos do *poeta* — na descripção da Ilha Encantada — *são mais pinturas do Aretino, que imagens d'uma epopea*».

XIX.— Nem este «filho irrequieto» de *Beja* — expulso da ordem dos *eremitas augustinianos* por *sentença conventual*, confirmada em *definitorio* na fórma das *constituições e usanças fradescas* — censuraria assim ao nosso Camões, a não o devorar contra elle uma « inveja extrema ».

Nas suas « duas epopeas » — O Gama primeiro, e O Oriente depois — manifesta-nos em sobra esta «inveja», phantasiando empanar com ellas o esplendor dos Lusiadas.

XX.— Para não ser injusto contra **Camões** — na critica da **Ilha de Venus** — não era mister ao alludido *penitenciado* do convento do Pópulo aqui em *Braga*, senão aquilatar ao justo a *oitava LXXXIX*, no mesmo Cant. IX do **Camões**.

Se assim o fizera *Macedo*, teria visto então no *poema* ao justo :

« Que as *nymphas* do Oceano tão formosas,
« *Thetis*, e a *ilha angelica pintada*,
« Outra cousa não é, que as deleitosas
« *Honras*, que a vida fazem sublimada :
« Aquellas *preeminencias* gloriosas,
« Os *triumphos*, a *fronte* coroada
« De palma e louro, a *gloria* e *maravilha*,
« Estes são os *deleites* d'esta ilha.

XXI. — Nas «oitavas successivas» do *poema*, acharia ainda *Macedo* testimunhos abonatorios — «firmes e seguros» — contra a phantasiada licenciosidade do **Camões** : — licenciosidade aliás analoga em *Tasso*, na **Jerusalem Libertada**, no Cant. XVI.

Ao aquilatal-as condignamente — no caso de as compulsar — forçal-o-hia a rasão a penitenciar-se a este respeito, em favor da seriedade do **Camões**. — Forçal-o-hia n'esta parte, como o forçára a respeito das «formas poeticas» da **Ilha Divina** — «em meio da pagina 210» — a penitenciar-se com estas palavras :

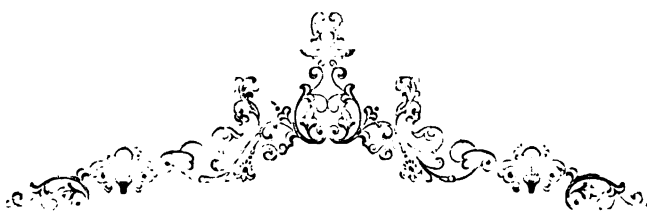
«*Estas oitavas são muito bellas — e um tracto formosissimo de poesia descripta*».

XXII.— N'estas apreciações litterarias, tomamos por *fito* a verdade, e por *criterio* a rectidão : — e suppondo não deslisarmos nunca do nosso trajecto, exclamamos aqui do intimo d'alma, com o nosso *Antonio Ferreira* nos **Poemas**, na *Dedicatoria* da Part. I :

«Eu d'esta gloria só fico contente,
«Que a minha terra amei, e a minha gente.

Braga — 8 de Maio de 1880

Pereira Caldas :

PROFESSOR DE MATHEMATICA
E ALLEMÃO NO LYCEU NACIONAL.

« É uma terra d'amores,
« Alcatifada de flôres,
« Onde a brisa falla amores
. . . .
. . . .
« É uma terra encantada,
« Mimoso jardim de fada
. . . .

Casimiro d'Abreu = PRIMAVERAS

Texto Portuguez

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre, e deleitosa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Versão Franceza

LIV

Cette Isle réunit l'ensemble précieux
Des beautés dont les champs éblouissent nos yeux:
Du flot qui vient mourir sur les plages voisines,
Avec grâce et fierté s'élèvent trois collines.
Des fontaines d'eau-vive arrosant leurs contours,
Ornent des verds gazons cette Isle des Amours;
Et l'onde, sans effort, suivant sa douce pente,
À travers les cailloux fuit, murmure, et serpente.

LV

Au milieu du vallon, qui coupe ces hauteurs,
Les eaux, de toutes parts, roulant parmi les fleurs,
S'unissent pour former une nappe étendue,
Mais un objet plus doux y vient frapper la vue;
C'est un bosquet charmant suspendu sur ses bords,
Qui semble avec amour y mirer ses trésors;
Ainsi dans son printems, au tendre objet qui s'aime
Sourit au crystal pur qui le montre à lui même.

LVI

Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A laranjeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co' os pesos amarellos;
Os formosos limões alli cheirando,
Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados, e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde é posto o ethereo paraiso.

LVI

Mille arbres odorans vers le ciel élancés
Se couvrent de beaux fruits l'un sur l'autre pressés;
Là l'orange arrondie, en sa forme charmante,
Des tresses de Daphné prend la couleur brillante.
Dorés des feux du jour les superbes cédras
Sous leur riche fardeau sentent ployer leurs bras;
Les limons parfumés dans leur figure ovale
Imitent d'un beau sein la grâce virginale.

LVII

Au sommet des côteaux d'autres arbres plantés
Étalent noblement leurs agrestes beautés;
Phébus y trouverait le laurier qu'il adore,
Hercule ces rameaux dont sa tête s'honore;
Cybèle y voit ses pins par l'amour obtenus;
Le myrte des amans y fleurit pour Vénus;
Et le triste cyprès se cachant dans la nüe
Vers le séjour des Dieux tourne sa pointe aigüe.

LVIII

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
A cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Côr com que tu, rubi, teu preço perdes:
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos, e outros verdes:
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

LVIII

Les présens de Pomone et leur douces saveurs
Sont de ce ciel heureux les constantes faveurs.
Ce qu'ailleurs le travail arrache à la nature,
Ici bien plus exquis se donne sans culture:
La cerise vermeille embellit ce séjour;
La mûre y garde encor son nom cher à l'Amour;
Et ce fruit des Persans qui la pourpre colore,
En changeant de climat, devient meilleur encore.

LIX

La grenade entr'ouvrant ses modestes habits
Laisse voir sur son sein l'éclat de ses rubis.
Sous le pampre riant, la vigne offre avec grâce
Ses fruits murs, ses fruits verds à l'ormeau qu'elle embrasse;
Et vous fruit délicat dans Athènes vanté,
Vous du bec des oiseaux si souvent insulté,
Plus le soleil mûrit votre chair douce et tendre,
Et plus à leurs assauts vous devez vous attendre.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flôr Cephisia inclina
Sôbolo tanque lucido e sereno:
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas côres,
Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.
Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da côr dos amadores;
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

LX

Le feuillage des bois, les prés et leur émail
De la pompe des Cours effacent le travail;
Et les Persans vaincus dans leurs arts magnifiques,
Enviraient du vallon les tentures rustiques.
Là le Narcise au bord d'un limpide bassin,
Semble encor pour s'y voir, s'incliner sur son sein;
Et la fleur consacrée à l'enfant de Cynire
Y recueille les pleurs de Vénus qui soupire.

LXI

Et la terre et le ciel peint des mêmes couleurs
Confondent les esprits et ravissent les coeurs;
On ne sait si les fleurs sont belles par l'Aurore,
Où si sa beauté vient des fleurs qu'on voit éclore;
La violette chère aux tendres sentimens
S'y peint de la pâleur ordinaire aux amans;
Mais Flore orne le lys et la rose nouvelle
De l'éclat qui nous plait sur le front d'une belle.

LXII

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona:
Vêm-se as letras nas flôres Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam:

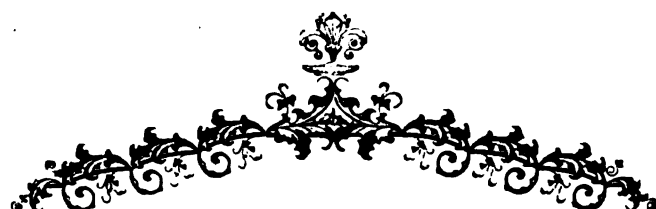
LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
Responde-lhe do ramo philomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'agua crystallina e bella:
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida gazella;
Alli no bico traz ao charo ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXII

Humbles trésors des champs, la lavande, et le thym
S'exhalent en parfums, aux larmes du matin.
L'oeil suit sur les contours de la pâle hyacinthe
Ces traits qui de Phébus éternisent la plainte.
Un doux lien rassemble et Pomone et Cloris;
Ce Temple du bonheur est le séjour des ris;
Si l'oiseau dans les airs chante avec allégresse,
Les animaux des champs partagent son ivresse.

LXIII

Philomène répond du sein des verds rameaux
Au Cygne qu'elle entend chanter le long des eaux.
Actéon se voyant dans l'onde transparente
À l'aspect de son bois ne prend plus l'épouvante;
La timide Gazelle, et le Lièvre peureux
Sentent que ces forêts sont tranquilles pour eux:
Et le bec de l'oiseau que ce séjour rassure
Sans crainte à ses petits va porter la pâture.

Acabou-se a impressão aos 31 de Maio de 1880.

COMPOSITOR E IMPRESSOR
Manuel José Antunes de Carvalho

Preço 300 reis